



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

ELISSANDRA BELARMINO DA SILVA

**ADOÇÃO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: UM ESTUDO EM UM CURSO DE
ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

Mamanguape/PB

2026


ELISSANDRA BELARMININO DA SILVA

ADOÇÃO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UM ESTUDO EM UM CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Administração do Centro de Ciências Aplicadas e Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Administração, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos docentes:

Documento assinado digitalmente
 THALES BATISTA DE LIMA
Data: 30/03/2026 12:29:52-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Thales Batista de Lima – UFPB
Orientador(a)/Presidente

Documento assinado digitalmente
 MARCIA MARIA DE MEDEIROS TRAVASSOS SAEK
Data: 06/04/2026 12:56:32-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Márcia Maria de Medeiros Travassos Saeger – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 ANA MARIA MAGALHAES CORREIA
Data: 30/03/2026 18:11:38-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Ana Maria Magalhães Correia – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Mamanguape/PB

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO



ADOÇÃO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UM ESTUDO EM UM CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Elissandra Belarmino da Silva – UFPB – elissandrabelarmino22@gmail.com

Thales Batista de Lima – UFPB – thalesbatista@gmail.com

Márcia Maria de Medeiros Travassos Saeger – UFPB – marcia@ccae.ufpb.br

Ana Maria Magalhães Correia – UFPB – aninhamagalhães25@gmail.com

RESUMO

A adoção da Inteligência Artificial no ensino e na aprendizagem tem provocado transformações significativas nas práticas acadêmicas, suscitando debates sobre suas potencialidades e implicações éticas e pedagógicas. Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi analisar a percepção de docentes e discentes de um curso de Administração sobre o uso de ferramentas de IA para o processo de ensino e aprendizagem no tocante às disciplinas da área de metodologia. O estudo é de abordagem quanti-qualitativa, caráter descritivo, natureza aplicada, sendo um estudo de caso único, realizada por meio de questionário aplicado a trinta e oito discentes e entrevista semiestruturada direcionada a quatro docentes. Os dados quantitativos foram analisados estatisticamente, enquanto os qualitativos foram submetidos à análise de conteúdo. Os resultados de acordo com a percepção dos discentes indicam que a IA é utilizada como ferramenta de apoio à organização textual, compreensão de conteúdos, estruturação e otimização do tempo das atividades acadêmicas. Entretanto, na percepção dos docentes surgem preocupações relacionadas à dependência tecnológica, à superficialidade das produções e ao possível enfraquecimento do pensamento crítico. Portanto, embora a IA represente um recurso relevante para potencializar a aprendizagem, seu uso requer mediação pedagógica, formação ética e desenvolvimento de competências críticas, a fim de assegurar que atue como instrumento de apoio, e não de substituição do raciocínio humano.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Ensino-Aprendizagem. Administração.

ABSTRACT

The adoption of Artificial Intelligence in teaching and learning has brought about significant transformations in academic practices, giving rise to debates regarding its potential and its

ethical and pedagogical implications. In this context, the objective of this study was to analyze the perceptions of faculty and students in an Administration program regarding the use of AI tools in the teaching–learning process, particularly in subjects related to the field of methodology. The study adopts a mixed-methods approach, with a descriptive character and applied nature, and is conducted as a single case study through a questionnaire administered to thirty-eight students and semi-structured interviews with four faculty members. Quantitative data were analyzed using statistical methods, while qualitative data were examined through content analysis. The results, according to the students’ perceptions, indicate that AI is used as a support tool for textual organization, content comprehension, structuring, and optimization of time in academic activities. However, from the faculty’s perspective, concerns emerge regarding technological dependence, superficiality of academic outputs, and the potential weakening of critical thinking. Therefore, although AI represents a relevant resource for enhancing learning, its use requires pedagogical mediation, ethical training, and the development of critical competencies to ensure that it functions as a support tool rather than a substitute for human reasoning.

Keywords: Artificial Intelligence. Teaching–Learning. Administration.

1 INTRODUÇÃO

A Inteligência Artificial (IA) tem se consolidado como uma das inovações tecnológicas mais influentes, impactando o cotidiano dos indivíduos e transformando as práticas educacionais (Costa *et al.*, 2025). No Brasil, o debate tem se intensificado com a tramitação do projeto de lei 2338/2023, que propõe o primeiro marco regulatório nacional para IA, estabelecendo diretrizes baseadas em classificação de risco e garantindo direitos fundamentais, como a transparência e a contestação de decisões automatizadas (Jusbrasil, 2023). Essa iniciativa reforça a importância de compreender e regulamentar seus impactos em diferentes esferas sociais, sobretudo na educação, considerada um campo sensível e estratégico (Sampaio; Sebbatini; Limongi, 2024).

A UNESCO (2022) reconhece que as tecnologias de IA podem oferecer benefícios significativos, mas também levantam questões éticas relacionadas à transparência, à privacidade de dados e a possíveis discriminações algorítmicas. No contexto educacional, o uso ético da IA exige reflexão sobre seus efeitos na integridade acadêmica e na autonomia intelectual de professores e alunos (Fernandes *et al.*, 2024). Além disso, viver em sociedades digitalizadas demanda novas competências, pensamento crítico e práticas pedagógicas que considerem suas implicações na empregabilidade e participação social (UNESCO, 2025).

Embora o tema sobre IA tenha ganhado destaque, sua produção científica ainda é recente e concentra-se em áreas específicas, deixando lacunas em campos como a administração, nos quais o desenvolvimento de competências analíticas e críticas é essencial (Calmabach; Tomaz;

Serzedello, 2025; Fleury; Fleury, 2004). Nesse sentido, compreender como docentes e discentes têm utilizado ferramentas de IA no processo de ensino e aprendizagem torna-se fundamental, principalmente em disciplinas de metodologia, que possuem papel estruturante na formação do administrador (Vieira; Rodrigues, 2024).

Diante desse cenário, busca-se responder à seguinte questão: como alunos e professores do curso de Administração, nas disciplinas da área de metodologia, entendem e utilizam ferramentas de Inteligência Artificial em seus estudos? Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar a percepção de docentes e discentes de um curso de Administração sobre o uso de ferramentas de IA para o processo de ensino e aprendizagem no tocante às disciplinas da área de metodologia.

A escolha justifica-se pela relevância das disciplinas metodológicas no desenvolvimento de competências essenciais para a produção científica e a tomada de decisões baseadas em evidências, bem como pela necessidade de compreender os impactos da IA no desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e reflexivas (Fleury; Fleury, 2004; Chen; Chen; Lin, 2020). Costa Júnior *et al.* (2024) destacam que a incorporação da IA no ensino superior promove transformações que exigem investigações sobre como diferentes áreas lidam com esse processo, sobretudo no desenvolvimento de competências e habilidades acadêmicas.

Essas disciplinas incluem atividades como elaboração de trabalhos, revisão da literatura, construção de argumentos lógicos e análise de dados, tarefas nas quais as ferramentas de IA generativa podem oferecer suporte, mas também suscitam preocupações relacionadas ao plágio, à dependência tecnológica e à superficialidade no aprendizado (Rodrigues; Rodrigues, 2023; Vieira; Rodrigues, 2024). Do ponto de vista acadêmico, este estudo contribui para suprir lacunas existentes sobre o uso de IA no curso de administração, dada a necessidade de mais pesquisas empíricas sobre práticas de utilização (Ferreira *et al.*, 2024). Em termos práticos, seus resultados podem auxiliar professores e coordenadores na construção de estratégias pedagógicas alinhadas aos desafios vivenciados, favorecendo o uso ético e crítico dessas ferramentas (Costa *et al.*, 2025).

Por fim, sob a perspectiva ética e regulatória, a UNESCO (2023) ressalta que a ausência de regulamentações sobre a IA generativa deixa usuários vulneráveis quanto à privacidade de dados e que as instituições de ensino ainda carecem de diretrizes claras para validar e integrar essa tecnologia em suas práticas. Nesse contexto, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2025) instituiu a Resolução nº 57/2025, que estabelece normas específicas para o uso de ferramentas de IA, autorizando-as como suporte acadêmico, mas vedando a substituição do raciocínio humano de dados sensíveis sem garantias de confidencialidade. Sendo assim,

compreender como a IA está sendo incorporada aos processos educacionais torna-se essencial para orientar decisões institucionais e promover formações mais alinhadas às demandas do mundo digital (Gomes; Souza, 2022).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção abrange o entendimento sobre inteligência artificial e a IA no processo de ensino e aprendizagem.

2.1 O entendimento sobre Inteligência Artificial

A inteligência artificial não surgiu de repente, suas raízes históricas são marcadas por avanços teóricos e práticos refletindo tanto no progresso tecnológico quanto nas expectativas e limites da relação entre humanos e máquinas (Pinheiro; Costa; Vitoriano, 2025). A sua origem ocorreu a partir de 1943, quando Warren McCulloch e Walter Pitts iniciaram estudos sobre redes neurais artificiais, inspirados no funcionamento do cérebro humano. Com isso, teve-se o primeiro passo para pensar em máquinas que poderiam simular processos cognitivos (Costa *et al.*, 2025).

Segundo Ferreira *et al.* (2024), o termo Inteligência Artificial foi formalizado por John McCarthy e outros pesquisadores aproximadamente por volta da década de 1950, a partir daí, a IA passou a ser reconhecida como área de estudo independente. Desde então, a trajetória da inteligência artificial é definida por ciclos de retratação, quedas e avanços, impactando tanto nas limitações enfrentadas na busca por máquinas capazes de simular processos cognitivos humanos quanto nos avanços tecnológicos. O principal marco precursor foi o artigo de Alan Turing, *Computing Machinery and Intelligence* (1950), cujo autor propõe o célebre *Teste de Turing*, o qual traz uma problematização e a possibilidade de que as máquinas possam pensar de forma semelhante aos seres humanos, iniciando debates científicos e filosóficos que perduram na sociedade (Pinheiro; Costa; Vitoriano, 2025; Costa *et al.*, 2025).

Na visão de Russell e Norvig (2013), o avanço do estudo sobre inteligência artificial teve início logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, o termo “Inteligência Artificial” foi oficialmente introduzido em 1956. A partir disso, a IA é apontada como o campo mais desejado para atuação, em 1966 surgiu o primeiro chatbot denominado Eliza, um programa de inteligência artificial criado por Joseph Weizenbaum, baseado em processamento de linguagem natural (NLP), que simulava conversas com um psicoterapeuta. De acordo com Pozzebon, Frigo

e Bittencourt (2004), no século XIX, Allan Turing sustentava a ideia de que uma máquina pode ser considerada inteligente se conseguir enganar os seres humanos, fazendo-os acreditar que ela possui inteligência, sugerindo a criação de máquinas capazes de pensar e aprender por conta própria, imitando o comportamento humano.

Russell e Norvig (2013) discorrem sobre a multiplicidade de enfoques que a IA pode ser caracterizada, sendo eles mais conceituais e filosóficos, e que existem diferentes formas de compreendê-las, no sentido de como os sistemas agem, pensam como humanos e como pensam logicamente. Já Santaella (2023) traz uma visão técnica e contemporânea, mostrando como a IA se materializa em técnicas avançadas, baseando-se em redes neurais com camadas, que permitem o reconhecimento de padrões complexos em grandes volumes de dados, abrangendo desde tarefas simples, até aplicações sofisticadas. Abaixo, o Quadro 1 mostra a visão dos autores Russell e Norvig (2013) e Santaella (2023).

Quadro 1- Perspectivas sobre Inteligência Artificial

Autor	Ênfase	Caracterização de IA	Exemplos
Russell e Norvig (2013)	Conceitual/Filosófico	Sistema que agem como humanos (imitam comportamento)	Chatbots que imitam conversas humanas; Modelos cognitivos que simulam memórias e raciocínio; Algoritmos de lógica para resolver problemas matemáticos.
		Sistema que pensam como humanos (simulam cognição)	
		Sistemas que pensam logicamente (seguem regras formais)	
Santaella (2023)	Técnica/Contemporânea	IA como campo mais amplo e diverso do que o senso comum imagina	Redes neurais profundas para o reconhecimento de imagens e voz; Aplicação em diagnósticos médicos, tradução de texto; Expansão de IA para além da simples imitação humana.
		Ênfase na aprendizagem profunda (Deep Learning)	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Observa-se que a IA é um campo multidimensional, com aplicações que decorrem do comportamento humano simulado até análises lógicas e processamento massivo de dados (Rodrigues; Rodrigues, 2023; Vieira; Rodrigues, 2024). Para uma melhor compreensão sobre o conceito de IA, Kaufman (2022) discorre que a IA não é uma tecnologia neutra ou independente, pois a inteligência artificial não é verdadeiramente inteligente, nem artificial, imparcial ou objetiva. Ela se encontra inserida no contexto humano, sendo moldada por decisões e valores que influenciam suas funções e propósitos. O Quadro 2 apresenta um o resumo histórico da IA.

Quadro 2- Linha histórica da IA

Fase	Período	Características
Ideias iniciais	1940-1955	Fundamentos matemáticos e filosóficos da IA
Consolidação Científica	1956-1970	Primeiros programas e redes neurais
Primeiros invernos da IA	1970-1980	Falta de resultados e cortes de verbas
Renascimento (Sistemas especialistas)	1980-1990	IA aplicada em negócios e medicina
Expansão prática	1990-2010	Jogos, internet e reconhecimento de padrões
Aprendizado profundo	2010-2020	Redes neurais avançadas e Big Data
Era generativa	2020	IAs criativas, raciocínio contextual e éticas (ChatGPT, DALL-E, Gemini, Copilot etc.)

Fonte: Elaboração própria (2026)

Percebe-se, no quadro acima, que a trajetória da IA não ocorreu de forma linear, sendo marcada por períodos de avanços significativos, estagnações e retomadas, influenciada tanto por limitações tecnológicas quanto por expectativas científicas e sociais. Visto isso, Pozzebon, Frigo e Bittencourt (2004) destacam que para entender adequadamente a função da IA no processo de ensino e aprendizagem, é essencial estabelecer suas diferenças e complementaridade entre inteligência artificial e inteligência humana. Santaella (2023) afirma que a inteligência humana apresenta características singulares, sendo capaz de reutilizar conceitos, produzir compreensões e aplicações contextualizadas, transferir aprendizado por analogia, possuir aprendizagem estatística ao processar dados, generalizar padrões com poucos exemplos, aplicar intuição e senso comum, ou seja, a inteligência humana possui flexibilidade e criatividade contextual.

Por sua vez, a IA tende a ser mais limitada, embora poderosa, sendo eficiente em tarefas específicas, por exemplo, reconhecer imagens ou analisar grandes volumes de dados, não substituindo a inteligência humana, mas complementando-a em processos de ensino, análise e pesquisa (Kaufman, 2022). De acordo com Calmbach, Tomas e Serzedello (2025), no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, a utilização da IA ainda se encontra em estágio inicial. No entanto, há um reconhecimento do seu potencial para a personalização da aprendizagem e para o aprimoramento da gestão acadêmica.

Para esses autores, o avanço efetivo da IA na educação brasileira depende da articulação entre políticas públicas, infraestrutura adequada e formação docente qualificada. Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024) enfatizam o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa na pesquisa científica para abarcar o princípio da transparência, autoria humana e preservação da agência crítica.

Dessa forma, essas ferramentas podem ser usadas para auxiliar em diversas etapas do processo acadêmico, desde a busca das literaturas, geração de texto, até as análises de dados,

sendo fundamental manter a supervisão humana rigorosa e compreender suas limitações (Durso, 2025). Em seguida, para melhor entendimento, o Quadro 3 aponta as IAs e ferramentas de apoio acadêmico separadas por função.

Quadro 3- IAs de apoio acadêmicos

Ferramentas	Função
Large Language Models (LLMs) Leitura e análise de artigos	
ChatGPT, Claude, Copilot, Gemini, Perplexity AI	Resumo, explicações, reescrita, apoio metodológico e teórico.
SciSpace	Conversa com PDFs, destaca trechos e gera citações automáticos.
ChatPDF	Lê e responde perguntas sobre PDFs acadêmicos.
Elicit	Busca artigos acadêmicos e sintetiza os achados científicos.
Pesquisa e revisão de literatura	
Research Rabbit	Cria mapas de conexões entre autores.
Consensus	Busca respostas baseadas em evidências, usa base do Semante Scholar.
Scite.ai	Mostra como um artigo foi citado, se apoiado, contestado ou apenas mencionado.
Connected Papers	Gera gráficos de conexão entre pesquisas.
Elicit	Revisão da literatura, filtra e resume estudos automaticamente.
Escrita acadêmica e formatação	
ChatGPT, Claude, Copilot	Pode revisar, reestruturar e ajustar tom acadêmico.
Writefull	Corrige texto acadêmico com base em corpus de artigos científicos.
Grammarly	Corrige gramática e estilo (ideal para o inglês).
LanguageTool	Revisão gramatical e de estilo em português.
Trinka.ai	Revisor acadêmico com sugestões técnicas (mais voltada a artigos científicos).
Referências e citações	
Mendeley	Gerencia PDFs e gera referências automaticamente.
Zotero	Organiza artigos e gera citações em vários estilos.
EndNote	Gerenciador robusto de referências (usado em revistas científicas).
MyBib	Gera referências e exporta para Word
Apoio metodológico e análise de dados	
ChatGPT, Claude, Copilot	Ajudam na estrutura de metodologia e discussão
NVivo	Software para análise qualitativa (entrevista, textos, categorias)
Atlas.ti	Similar ao NVivo, também faz análise qualitativa
Excel + ChatGPT	ChatGPT pode gerar fórmulas, gráficos, e análises automáticas
Colab / Python IA	Para análise de dados quantitativos e estatística
Transparência e integridade acadêmica	
Turnitin	Detecta similaridade e possível plágio
CopyLeaks	Detecta textos gerados por IA e plágio
Plagium	Detecta plágio e textos gerados por IA
GPTZero / AI Detector	Verifica se um texto foi escrito por IA

Fonte: Elaboração própria (2026)

A aplicação da IA no âmbito educacional se manifesta por meio de várias tipologias e ferramentas, cada uma com características e potencialidade específicas (Cohen, 2024; Santana, 2025; Maycon, 2025; Perry, 2025), na qual Boulay (2023) identifica três grandes propósitos que se sobrepõem na IA aplicada à educação, sendo elas:

- Ferramentas centradas nos alunos: que apoiam competências, aquisição de conceitos e regulação metacognitiva;
- Ferramentas de assistência para professores: auxiliam na organização da tecnologia em sala de aula e na identificação de dificuldades;
- Ferramentas elaboradas para auxiliar gestores educacionais: funcionam como um painel de controle inteligente, oferecendo uma visão detalhada do desempenho e engajamento dos alunos.

Assim, torna-se possível uma tomada de decisões baseadas em dados e melhoria contínua do processo de ensino e aprendizagem (Costa *et al.*, 2025). Segundo Costa Júnior *et al.* (2024), ferramentas de auxílio como as IAs generativas têm evoluído recentemente, por volta de 2015. Elas conseguem criar conteúdo potencialmente original, como textos, imagens e músicas. Consequentemente, em 2022, foi lançado o ChatGPT baseado no processamento da linguagem natural (PLM), que ampliou o acesso e a utilização da IA no contexto educacional (Ferreira *et al.*, 2024). Para Rodrigues e Rodrigues (2023), ferramentas de IA atuam como parceiras de discursos, sendo reconhecidas como um recurso relevante tanto para o estudante quanto para os profissionais de diversas áreas.

2.2 A IA no processo de ensino e aprendizagem

A utilização da IA na educação torna-se inevitável, fazendo-se necessário a sua integração de forma crítica, não bastando apenas utilizar a tecnologia. É fundamental refletir o ensino e a aprendizagem por meio dela, pois as ferramentas generativas estão presentes em várias esferas da educação, exigindo adaptações pedagógicas (Limongi, 2024; Ferreira *et al.*, 2024). Sendo assim, Durso (2025) discorre que sem a adoção da IA, a educação pode perder a relevância, correndo o risco de formar indivíduos sem preparo adequado para enfrentar os desafios sociais e profissionais. Para Rodrigues e Rodrigues (2023), o objetivo é garantir que os alunos continuem desenvolvendo competências cognitivas, sociais e profissionais de forma equilibrada e eficaz.

Segundo Chen, Chen e Lin (2020), a educação tem sido transformada com a consolidação da IA, proporcionando mudanças significativas no processo de ensino e aprendizagem, sendo capaz de realizar inúmeras funções, como assistência na escrita, análise de dados, personalização no ensino e suporte administrativo. Fernandes *et al.* (2024) atentam que a IA promove auxílio na criação de experiências personalizadas que se adaptam ao ritmo e estilo de cada estudante em seu aprendizado, sugerindo recomendações de conteúdo, ajudando nas dificuldades de resolução de exercícios e feedback direcionados.

Na perspectiva docente, Boulay (2023) afirma que a IA possibilita realizar diversas funções administrativas, como revisar e avaliar os trabalhos dos alunos de forma mais eficiente e efetiva, alcançando, assim, maior qualidade em suas tarefas de ensino (Chen; Chen; Lin, 2020). Também pode automatizar suas tarefas cotidianas, como matrículas, agendamento de aulas e gerenciamento de recursos, melhorando a eficiência operacional das instituições de ensino superior (Khalifa; Albadawy, 2024).

Fernandes *et al.* (2024) afirmam que uma das maiores oportunidades que emergem da IA na educação é o aprendizado personalizado, uma vez que na medida em que a tecnologia avança no processo de linguagem natural, várias possibilidades educacionais se colocam no horizonte. Diferente dos professores tradicionais, que precisam considerar as necessidades de um grupo inteiro, um instrutor virtual pode se dedicar individualmente a cada aluno, adaptando seu método de ensino para atender à necessidade específica de aprendizagem (Azambuja; Silva, 2024).

Apesar dos benefícios evidentes, a implementação da IA na educação também traz alguns desafios para os estudantes, conforme apontam Rodrigues e Rodrigues (2023), como o desenvolvimento de habilidades críticas e a capacidade de argumentação que podem ser comprometidos se a IA simplificar excessivamente conceitos complexos. Existe o risco de a IA ser enviesada com base nos dados em que foi treinada, o que pode levar a uma visão unilateral ou limitada, especialmente em áreas nas quais a interpretação é fundamental (Limongi, 2024; Khalifa; Albadawy, 2024).

Salientam Costa *et al.* (2025) que com ferramentas como o *ChatGPT*, o problema do plágio acadêmico permanece e se aprofunda, em razão de que a ferramenta oferece textos que não estão prontos na *internet*, gerando conteúdo bem fundamentado e bem escrito, conveniente em larga escala, podendo criar trabalhos de pesquisa falsos e literatura científica fabricada, criando um constrangedor descompasso entre o que está acontecendo na vida real e nas instituições acadêmicas (Azambuja; Silva, 2024).

Ademais, a integridade ética na pesquisa não é apenas uma questão de manter padrões morais, mas um imperativo fundamental para garantir validade, confiabilidade e aceitação social do conhecimento científico. Posteriormente, exigirá desenvolvimentos de novos marcos regulatórios e diretrizes éticas, incluindo criação de novos órgãos de governança, além do estabelecimento de padrões e desenvolvimento de sistemas de responsabilização mais robustos, enfatizando a importância crítica da integridade ética (Limongi, 2024).

Durso (2025) discorre que os processos de alfabetização tecnológica se transformam radicalmente nesse contexto, exigindo que tanto professores quanto alunos estejam

constantemente em processo de atualização digital, fenômeno que pode ser denominado “technoptização”, o que significa a transformação da educação e da sociedade pela incorporação intensa da tecnologia, exigindo novas competências digitais e uma postura crítica diante das ferramentas (Azambuja; Silva, 2024). A disparidade no acesso à tecnologia como a de IA entre diferentes regiões e grupos sociais pode aumentar as desigualdades existentes, criando lacunas digitais e acentuando a divisão digital (Khalifa; Albadawy, 2024).

Para a compreensão do conceito de competências digitais, Figueiredo (2019) afirma que esta competência envolve a articulação integrada de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que os indivíduos adquirem para enfrentar os desafios da atualidade. Sendo assim, o desenvolvimento das competências digitais pode ser compreendido por meio de níveis progressivos de maturidade digital, de início pela cidadania digital, a qual representa a capacidade de usar a tecnologia de modo seguro, responsável e ético, avançando para a criatividade digital, caracterizada pela capacidade de se tornar parte do ecossistema digital. Por fim, a competitividade digital envolve a capacidade de resolver desafios e criar novas oportunidades (Fernandes *et al.*, 2024).

Conforme Figueiredo (2019), a transformação digital no âmbito educacional pode ser direcionada por habilitadores que agrupam em diferentes categorias que são:

- Tecnologia, que inclui redes sociais, *softwares* educacionais e computação em nuvem;
- Organizacionais, que considera como melhorar a experiência educacional com uso de tecnologias digitais e autonomia para os professores inovarem;
- Competência digital docente, que abrange o conhecimento sobre qual tecnologia utilizar de acordo com a necessidade e a utilização de abordagens pedagógicas inovadoras;
- *Soft skills* discentes, como criatividade, empatia, comunicação e colaboração;
- *Hard skills*, incluindo soluções de problemas de maneira criativa e gestão de tempo;
- Por fim, pedagógica que complementa a aprendizagem baseada em problemas e projetos (Gomes; Souza, 2022).

Para permitir uma leitura crítica das potencialidades da IA na educação, de seus riscos e das competências digitais necessárias para seu uso responsável, o quadro comparativo a seguir organiza os elementos centrais discutidos no relatório da UNESCO (2025).

Quadro 4- Potencialidades da IA na educação

Eixo	Principais Aspectos	Evidências
Uso da IA no ensino e aprendizagem	Personalização da aprendizagem; Sistema de apoio inteligente (tutores, chatbots);	A IA já faz parte do cotidiano dos estudantes e pode oferecer apoio imediato, adaptativo e personalizado.

	Automação de tarefas repetitivas.	
Oportunidades	Inclusão e acessibilidade; Apoio ao trabalho docente; Análise de dados educacionais; Inovação metodológica.	Se bem orientada, a IA pode ampliar a acessibilidade, apoiar estudantes com dificuldades e melhorar a qualidade da aprendizagem.
Riscos e Desafios	Privacidade e uso de dados; Vieses algorítmicos Desigualdade de acesso Dependência tecnológica.	Alerta para os riscos relacionados à proteção de dados, ao uso não supervisionado de IA e às desigualdades estruturais que podem ser ampliadas.
Competências Digitais Necessárias	Uso crítico, ético e responsável da IA; Alfabetização em dados e algoritmos; Formação docente para IA; Pensamento crítico e autonomia	Reforça que estudantes e professores precisam desenvolver competências digitais que permitam compreender, avaliar e usar IA com responsabilidade.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Os principais eixos relacionados à aplicação da IA na educação evidenciam tanto suas potencialidades quanto os riscos e as competências digitais necessárias para o uso responsável. Sendo assim, o letramento digital emerge como competência fundamental no contexto da implementação da IA, pois os indivíduos precisam desenvolver a capacidade de analisar e avaliar criticamente as informações acessadas, atestando a confiabilidade e credibilidade dessa informação, em particular quando interagem com sistemas de IA que podem gerar conteúdos aparentemente autênticos, mas com grandes chances de que sejam enviesados, até mesmo de não existirem (Gomes; Souza, 2022; Chen; Chen; Lin, 2020).

No contexto docente, as competências digitais também se transformam com a existência da IA, pois os professores precisam desenvolver habilidades para fornecer *feedback* constante, utilizar tecnologia digital para o ensino e aprendizagem pessoal e em grupo e empregar métodos de avaliação inovadores (Gomes; Souza, 2022; Ferreira *et al.*, 2024).

Portanto, Azambuja e Silva (2024) refletem que na era da IA, torna-se interessante que os educadores orientem os alunos na utilização responsável dessas tecnologias, desenvolvendo competências de pensamento crítico e reflexivo, auxiliando-os a questionarem os conteúdos gerados pelos assistentes de IA e promovendo uma avaliação crítica da qualidade, confiabilidade e vieses (Limongi, 2024). Nessa perspectiva, o uso dessa tecnologia no contexto educacional exige mais do que acesso ou domínio técnico, demandando orientação pedagógica. Cabe aos docentes orientar os estudantes para uma utilização responsável dessas tecnologias, de modo a promover o desenvolvimento de competências necessárias. Diante disso, evidencia-se a necessidade de que os professores integrem ao plano de ensino das disciplinas de metodologia os princípios estabelecidos na Resolução 57/2025, a qual apresenta diretrizes para o uso ético e responsável das ferramentas de IA no âmbito acadêmico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é de caráter descritivo quanto ao seu objetivo, pois busca compreender o uso de IA no ensino e na aprendizagem nas disciplinas metodológicas, configurando-se como uma pesquisa de natureza aplicada (Prodanov, 2013; Limongi, 2024). Além disso, trata-se de um estudo de caso único, estratégia que, segundo Yin (2005), permite investigar em profundidade um fenômeno em seu contexto real. Nesse caso, o fenômeno estudado é o uso da IA de uma universidade pública.

No que se refere à abordagem, adota-se uma pesquisa mista quanti-qualitativa, que, conforme Gil (2022), fornece uma visão mais abrangente e profunda sobre o objeto de estudo ao integrar o rigor dos números com a riqueza das interpretações, possibilitando uma compreensão mais completa e confiável do fenômeno analisado.

A etapa quantitativa é aplicada aos discentes que cursam no semestre vigente (2025.2) as disciplinas de Pesquisa Aplicada, do terceiro período (P3), e Métodos Quantitativos e Qualitativos, do quarto período (P4), as quais são disciplinas metodológicas que promovem o desenvolvimento das competências necessárias para a elaboração científica, pensamento crítico, analítico e análise de dados, ambas obrigatórias na grade curricular do curso. Já a etapa qualitativa destina-se aos docentes responsáveis por ministrar e que já ministraram as respectivas disciplinas.

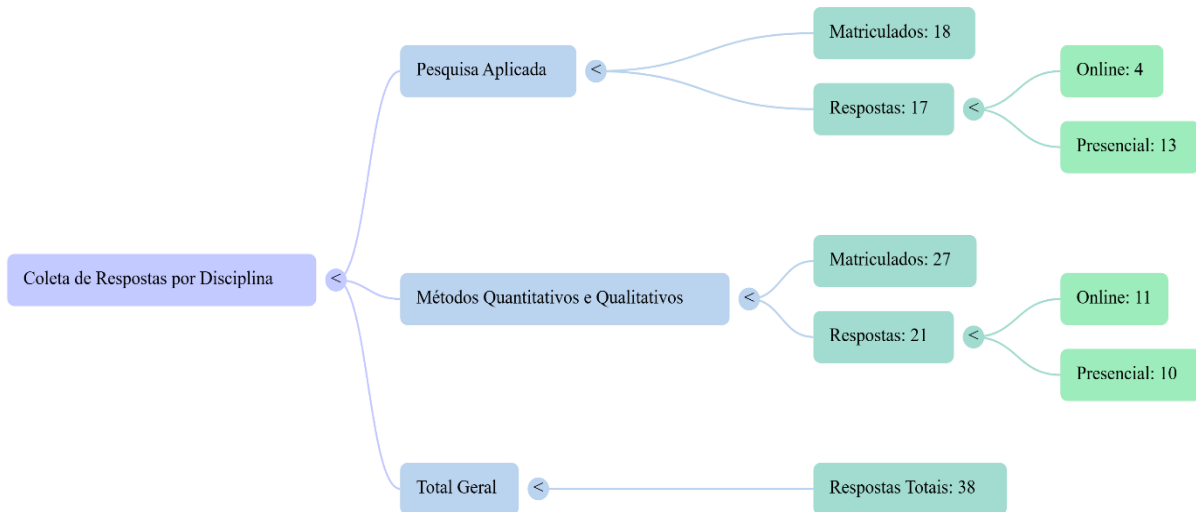
Para o desenvolvimento do estudo, utilizam-se dois instrumentos de coleta de dados: um questionário destinado aos alunos (Gil, 2022), baseado na escala de *Likert* (Hair Jr *et al.*, 2005), compostas por 12 (doze) perguntas, sendo 4 (quatro) delas sobre perfil, e 7 (sete) para avaliar o grau de concordância e discordância sobre a percepção do uso da IA na aprendizagem, e 1 (uma) de múltipla escolha para identificar as ferramentas de IA que os alunos mais utilizam em suas atividades acadêmicas; e um roteiro de entrevista semiestruturada direcionada aos professores, composta por perguntas abertas, sendo quatro delas sobre perfil, e cinco sobre o tema, que orientam a interação entre pesquisador e entrevistado (Prodanov; Freitas, 2013).

Assim, os instrumentos de coleta de dados desta pesquisa foram construídos a partir do objetivo estudado, refletindo as dimensões e preocupações levantadas pelos autores sobre ética, competências digitais, impactos e desafios da IA no ensino e na aprendizagem, conforme discutido na seção do referencial teórico.

O questionário destinado aos discentes foi produzido na plataforma do *Google Forms* e enviado aos participantes da pesquisa via *Whatsapp*, no grupo de cada disciplina estudada, vale destacar que o questionário foi acompanhado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

sendo aplicado entre os dias 28/01/2026 a 02/02/2026 de forma *online*. Não obtendo tanto êxito nas respostas, decidiu-se realizar a aplicação de forma presencial nos dias 03/02/2026 e 04/02/2026. Na disciplina de Pesquisa Aplicada com um total de 18 (dezoito) discentes matriculados, obteve 4 (quatro) respostas de forma *online* e 13 (treze) presenciais, totalizando 17 (dezessete) respostas. Em Métodos quantitativos e qualitativos com um total de 27 (vinte e sete) discentes matriculados, obteve 11 (onze) de forma *online* e 10 (dez) presenciais, totalizando 21 (vinte e uma) respostas, resultando em 38 (trinta e oito) respostas no total. Para melhor entendimento, as informações estão explicitadas na figura 1.

Figura 1: Amostra de respondentes da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2026)

No que se refere à análise dos dados quantitativos, adotou-se a estatística descritiva por meio de frequência, a qual, conforme Gerhardt e Silveira (2009), consiste no tratamento dos dados mediante sua organização, processamento e interpretação, a partir dos percentuais obtidos.

Para a etapa qualitativa, embora 6 (seis) docentes já ministraram ao menos uma vez as disciplinas analisadas. Foram selecionados 4 (quatro) docentes para as entrevistas, realizadas nos dias 03/02/2026 e 12/02/2026, no *Campus IV/UFPB*. Dentre os docentes entrevistados, um deles encontrava-se ministrando as disciplinas no semestre vigente (2025.2), o que possibilitou contemplar percepções tanto atuais quanto experiências acumuladas ao longo de diferentes períodos.

Para a análise de dados, adotou-se a análise de conteúdo, a qual é uma abordagem que permite interpretar e entender informações qualitativas, como textos, documentos ou

comunicação, consistindo em identificar padrões recorrentes no discurso dos participantes e organizá-los em categorias analíticas, permitindo aos pesquisadores extrair significados e percepções importantes, além de enriquecer a interpretação dos achados da pesquisa (Merriam, 2009). Os padrões identificados são o uso da IA como apoio à escrita; preocupações com plágio; dependência tecnológica e dificuldade em estimular o pensamento crítico. Quanto as categorias possíveis são a IA como ferramenta de apoio acadêmico; risco ético e autoria intelectual; mediação docente no uso da IA e impactos da IA no desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, foi utilizada a letra (D) para denominar o DOCENTE investigado, seguindo do número que ele representa, conforme a ordem em que as respostas foram organizadas.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Etapa Quantitativa aplicada com os estudantes

A Tabela 1 apresenta o perfil dos estudantes participantes da pesquisa.

Tabela 1: Perfil dos Pesquisados

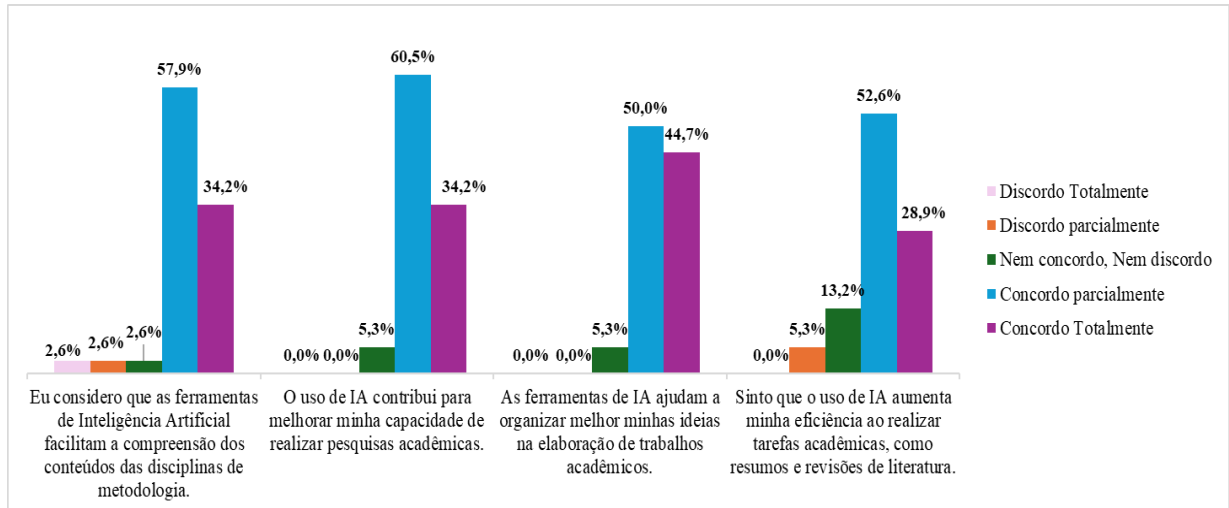
Categoria	Subcategoria	Quantidade	Percentual (%)
Gênero	Masculino	10	26,3%
	Feminino	28	73,7%
Faixa Etária	Até 24 anos	33	86,8%
	De 25 a 30 anos	4	10,5%
	Acima de 30 anos	1	2,6%
Período	P3	17	44,7%
	P4	21	55,3%
Situação acadêmica	Blocado	33	86,8%
	Desbloqueado	5	13,2%

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Perante o exposto, observa-se que há uma maior predominância do gênero feminino, representando mais da metade da amostra entre os pesquisados. No que diz respeito à faixa etária, a maioria dos participantes tem até 24 anos, indicando em sua maioria um perfil jovem. A amostra é composta por estudantes matriculados nos períodos P3 e P4, ambos referentes a disciplinas obrigatórias de metodologia, com maior percentual no P4 de número de amostra com 55,3%. Quanto à situação acadêmica, vê-se que a maioria dos estudantes está com a matrícula regular “bloqueado”, ou seja, segue o fluxo padrão da matriz curricular, sem pendências, cursando todas as disciplinas previstas para o período analisado.

No que tange à percepção dos estudantes sobre a utilização da IA, percebem-se os seguintes resultados, conforme Gráfico 1.

Gráfico 1 - Percepções dos estudantes sobre o uso de Inteligência Artificial



Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Na primeira afirmação, nota-se que a maioria dos discentes concordam parcialmente, demonstrando uma percepção positiva em relação ao uso da IA em suas atividades acadêmicas, reconhecendo que a ferramenta pode ser uma facilitadora na compreensão dos conteúdos. Vieira e Rodrigues (2024) destacam que, devido à complexidade dos conteúdos nas disciplinas, o uso de ferramentas como a IA contribui para tornar o entendimento dos conteúdos mais claro e acessível, favorecendo o processo de aprendizagem. Assim, isso corrobora com a perspectiva de Khalifa e Albadawy (2024), de que a IA vem se tornando uma ferramenta oportuna para a produtividade acadêmica. Porém, Azambuja e Silva (2024) alertam que a IA, também pode não acarretar em aprendizagem em função do uso acrítico da ferramenta.

No que tange ao uso de IA, os achados indicam que a maioria dos estudantes concordam parcialmente, dialogando com o argumento dos últimos autores mencionados acima, pois enfatizam que a inteligência artificial se tornou uma ferramenta de produtividade na escrita e pesquisa acadêmica, facilitando desde a busca de referências até a sistematização de informações. Entretanto, a dependência tecnológica pode dar a impressão de que a IA melhora a capacidade de pesquisa, o que pode mascarar, conforme Rodrigues e Rodrigues (2023) apontam, uma transferência de competências cognitivas para a tecnologia, comprometendo o desenvolvimento autônomo do estudante.

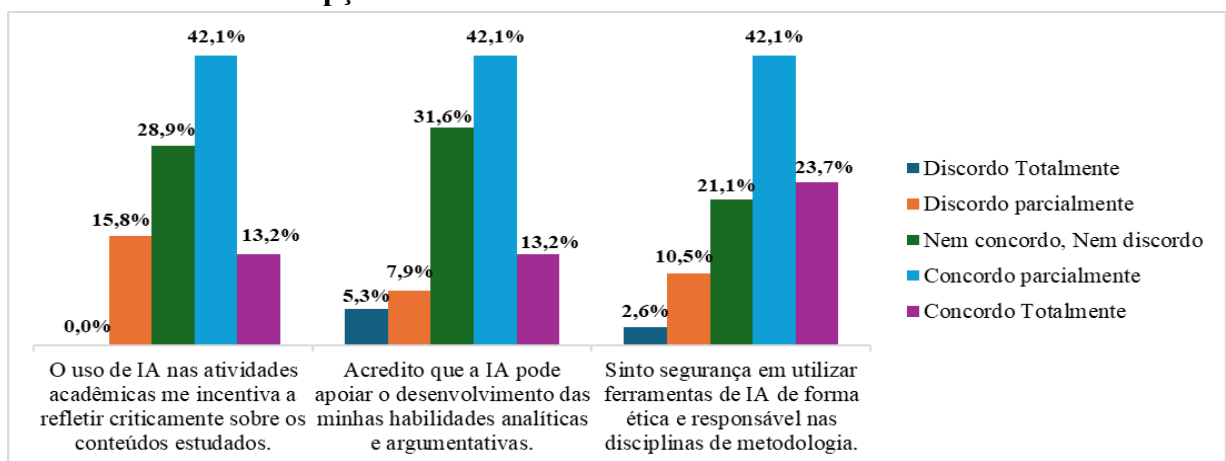
Na organização de ideias e na elaboração de trabalhos acadêmicos, 94,7% dos pesquisados concordam que a IA ajuda. Observa-se, assim, que essa ferramenta serve de apoio

à estruturação de pensamentos em atividades que exigem organização lógica de argumentos, podendo aumentar a eficiência nas realizações dessas atividades (Fernandes *et al.*, 2024).

Quanto ao uso da IA aumentar a eficiência ao realizar tarefas acadêmicas, em suma, a maioria percebe que há eficiência na utilização da tecnologia, porém uma pequena porcentagem de 13,2% parece não identificar esses benefícios em suas práticas acadêmicas. Sendo assim, a eficiência percebida dialoga com o que Khalifa e Albadawy (2024) descrevem como o papel da IA na otimização de tarefas acadêmicas repetitivas ou que demandam processamento de grandes volumes de informação, de acordo com Limongi (2024).

Porém, a eficiência não deve ser confundida com qualidade ou profundidade analítica, sendo assim, o risco é que os alunos priorizem a velocidade de produção em detrimento da reflexão crítica (Costa *et al.*, 2025). Com relação à percepção dos estudantes sobre a reflexão crítica, foram constatados os seguintes resultados, conforme Gráfico 2.

Gráfico 2 - Percepções dos estudantes sobre reflexão crítica e uso ético da IA



Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Partindo das questões relacionadas ao desenvolvimento de competências cognitivas mais complexas e ao uso ético da IA, os resultados apresentados com relação à percepção dos estudantes sobre a reflexão e uso ético da IA se distinguem significativamente dos anteriores, indicando percepções mais divididas e maior grau de incertezas por parte dos alunos.

Nesse sentido, ao analisar se o uso de IA nas atividades acadêmicas incentiva a refletir criticamente sobre os conteúdos estudados, constata-se que a maioria dos alunos, com um percentual de 55,3%, concordam parcialmente e totalmente, enquanto 28,9% nem concordam, nem indicando grau de incerteza quanto aos efeitos da IA sobre as dimensões cognitivas, sugerindo que o uso da IA nem sempre está sendo integrado de modo a favorecer, de forma explícita, o pensamento crítico, convergindo com o pensamento de Santaella (2023), de que a

IA não substitui a inteligência humana, pois as tecnologias não possuem a capacidade reflexiva, criativa e contextual, nem a capacidade de transferir aprendizado.

No que se refere à IA apoiar no desenvolvimento das habilidades analíticas e argumentativas, há um elevado nível de neutralidade com 31,6%, corroborando com o padrão de incerteza observado na questão anterior. Considerando que essas habilidades constituem o desenvolvimento do administrador (Fleury; Fleury, 2004). Tal neutralidade indica o reconhecimento de limitações no uso da IA, sobretudo quando não há domínio adequado da ferramenta, corroborando a perspectiva da UNESCO (2023), segundo a qual a utilização acrítica da tecnologia tende a não estimular o pensamento crítico, podendo resultar em um aprendizado superficial.

Por fim, a última afirmativa, sinto segurança em utilizar ferramentas de IA de forma ética e responsável nas disciplinas de metodologia, evidencia insegurança quanto aos aspectos éticos à luz da resolução normativa 57/2025 da CONSEPE, mesmo tendo uma porcentagem de 65,8% de concordância parcial e total, um pouco mais da metade com uma porcentagem de 21,1% neutra e 13,1% de discordância parcial e total. Indica insegurança quanto ao uso ético da IA. O achado está alinhado com as preocupações levantadas pela UNESCO (2022; 2023) sobre a necessidade de diretrizes claras para o uso ético da IA na educação e com a argumentação de Azambuja e Silva (2024) de que a integração da IA levanta novos desafios éticos que precisam ser propostos institucionalmente. A resolução nº 57/2025 da UFPB estabelece que a prevenção de práticas indevidas e o acompanhamento da produção acadêmica são de responsabilidade compartilhada, envolvendo os docentes e orientadores. No contexto de sala de aula, essa responsabilidade se traduz na promoção de ações formativas regulares que visam educar os discentes sobre o uso ético das tecnologias.

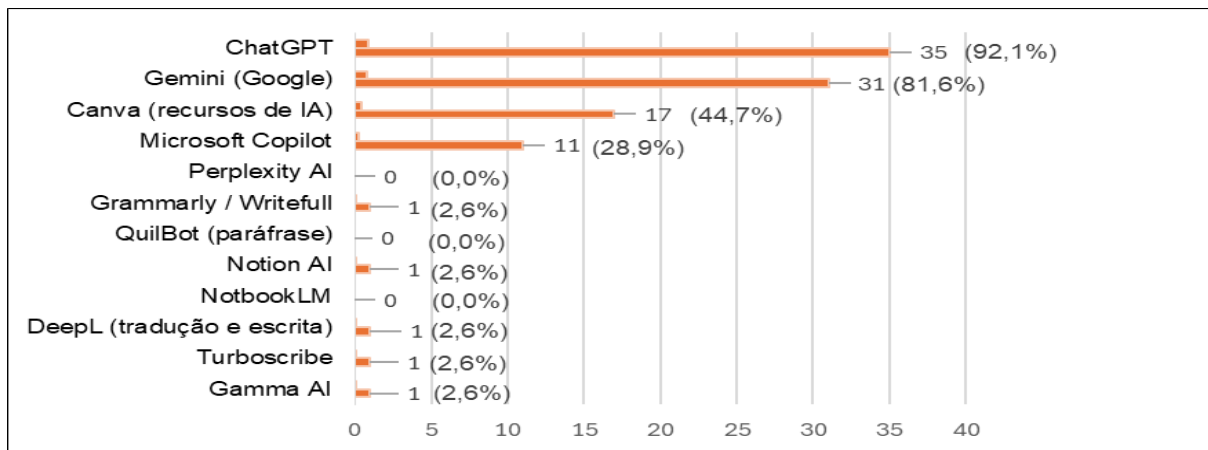
No contexto das disciplinas metodológicas, nas quais questões de integridade acadêmica, plágio e autoria assumem uma relevância, a insegurança manifestada por uma parcela minoritária dos estudantes, sugere que há lacuna na formação quanto às diretrizes éticas e aos limites apropriados do uso dessa ferramenta. Costa *et al.* (2025) alertam sobre o problema do plágio acadêmico se aprofundar com ferramentas como o *ChatGPT*, que geram textos aparentemente originais e bem fundamentados, tornando mais difícil a distinção entre produção intelectual autônoma e a apropriação de conteúdos gerados artificialmente.

Sendo assim, há necessidade urgente de intervenções pedagógicas que abordem essas questões, como destacam Fernandes *et al.* (2024), no qual o uso ético da IA exige reflexão sobre seus efeitos na integridade acadêmica e na autonomia intelectual, aspectos que devem ser

trabalhados de forma intencional e sistemática nas disciplinas metodológicas (Sampaio; Sebbatini; Limongi, 2024).

No Gráfico 3, foram analisadas as ferramentas de IA utilizadas pelos estudantes, revelando padrões consideráveis da adoção tecnológica que complementam as percepções anteriores discutidas.

Gráfico 3 - Ferramentas de IA utilizadas com maior frequência em atividades acadêmicas



Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Os dados revelam uma concentração de uso em ferramentas de IA generativa, com a predominância do ChatGPT, Gemini, Copilot e do Canva (recurso IA). Isso indica que os alunos priorizam sistemas baseados em linguagem natural. Observa-se que a escolha das ferramentas está associada à facilidade de uso, popularidade e integração com atividades acadêmicas cotidianas (Rodrigues; Rodrigues, 2023; Durso, 2025).

A predominância das plataformas conversacionais indica que os usuários valorizam interações diretas e suporte textual amplo. A baixa diversidade de uso efetivo pode também revelar necessidade de formação digital mais ampla, para exploração de ferramentas complementares (Costa Junior *et al.*, 2024). Os dados indicam não apenas a adoção tecnológica, mas mudanças no comportamento acadêmico. Por fim, o padrão observado sugere que a IA generativa já ocupa posição central no ecossistema educacional analisado, enquanto outras soluções permanecem periféricas, como indicam Khalifa e Albadawy (2024).

A IA não é apenas uma ferramenta adicional, ela pode transformar o próprio modo como se aprende, pois interfere diretamente nas tarefas cognitivas, o que antes era apenas um instrumento, agora, a IA faz o texto, resolve o exercício, cria o resumo, gera o código, analisa os dados, ela não apenas apoia a tarefa, mas ela executa a tarefa, trazendo mudanças para o

papel do estudante e professores, podendo levar ao comprometimento das competências essenciais desenvolvidas pelos estudantes (Durso, 2025).

A alta adoção tecnológica não se traduz necessariamente em sucesso acadêmico dos estudantes, sugerindo que a mera disponibilidade ou utilização de ferramentas de IA não garante resultados formativos positivos (Sampaio; Sebbatini; Limongi, 2024). Assim, reflete-se que a coexistência entre alta adoção de IA e a alta taxa de bloqueio acadêmico reforça a necessidade de investigação mais profunda sobre como essas ferramentas estão sendo utilizadas e quais competências estão sendo desenvolvidas ou comprometidas nesse processo (Rodrigues; Rodrigues, 2023; Durso, 2025).

4.2 Etapa Qualitativa aplicada com os professores

O Quadro 5 apresenta o perfil dos docentes participantes da pesquisa.

Quadro 5- Perfil dos docentes

Aspecto	D1	D2	D3	D4
Tempo de docência	5 anos	20 anos	30 anos	13 anos
Tempo na instituição	1 ano e 7 meses	15 anos	8 anos	8 anos
Tempo ministrando a disciplina	1 ano e 7 meses	2 anos	3 anos	1 período (4 meses)
Nível de formação	Doutorado	Doutorado	Pós-Doutorado	Doutorado

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Observa-se que o perfil dos docentes apresenta diversidade quanto ao tempo de experiência na docência e na instituição, todos possuem doutorado, o que pode permitir captar percepções que refletem familiarização com tecnologias digitais e perspectivas pedagógicas.

No Quadro 6, apresentam-se as percepções docentes sobre como os alunos utilizam a IA, revelando convergência, independentemente do tempo de experiência profissional, centradas principalmente na preocupação com a terceirização do pensamento e na dependência tecnológica.

Quadro 6- Percepção dos professores sobre o uso da IA pelos estudantes

DOCENTES	Percepção sobre o uso de IA pelos alunos	Influência da IA no ensino e aprendizagem
D1	“Eles ainda usam a IA como se fosse pra fazer o trabalho por eles, sem pensar muito. Tipo: ‘ela tem que trabalhar por nós’. Eles querem que a IA faça o texto. Mas a ideia é que eles entendam a estrutura. A IA é perfeita pra	“No ensino, facilitou muito a minha vida. Às vezes eu preciso refinar uma temática, pedir sugestões, ela dá. E aí eu acesso meu raciocínio. Em metodologia, os meninos têm que fazer análise de dados. Se você coloca na

	corrigir texto, refinar, mostrar conexão entre parágrafos, corrigir português. Mas essa coisa de parar de pensar e deixar ela pensar por eles... isso é complicado.”	IA, ela já gera gráfico, faixa etária, tudo. Facilita muito. Na aprendizagem, alguns ficam preguiçosos de pensar. Então tem que ter cuidado pra ensinar o melhor uso”.
D2	"Na época em que eu ministrei, a gente só utilizou um semestre. E foi um uso mais pra eles perceberem que nem tudo pode ser resolvido pela inteligência artificial. A gente usou muito pra formatação, normatização, correção de português... mas também fizemos exercícios pra mostrar que ela erra. A gente colocou umas questões no ChatGPT e ele apresentou soluções erradas. Então eles viram na prática que não dá pra confiar pra desenvolver raciocínio. E como metodologia prepara pro TCC, a gente queria evitar essa tendência de confiar o texto inteiro à IA.”	“Em Métodos Quantitativos e Qualitativos, ajuda muito. Porque os alunos têm resistência com cálculo, estatística, e a IA adianta boa parte do processo. Isso libera tempo pra análise dos dados, que é o mais importante. No ensino em geral, hoje em dia nenhum professor tem como fugir da IA. Mas ainda é tudo muito recente. A IA não pensa por nós, não faz o trabalho do professor nem do aluno. Ela chega pra aperfeiçoar, pra ajudar. Atrapalha quando o aluno terceiriza o raciocínio”.
D3	“Olha, não teve assim um uso específico, explícito, da ferramenta de IA na disciplina. Foi usado de forma mais indireta, especialmente quando a gente discute ética, autoria, risco de plágio. Hoje isso é um assunto que a gente tem que tá muito preocupado, né? Porque é uma forma de plagiar, de você não ser o autor, não ter a função autoral do texto que você cria. Isso é muito sério, muito importante, e é assunto pra ser debatido em pesquisa aplicada.”	“Embora a IA não tenha sido incorporada explicitamente na disciplina, reconheço seu potencial para apoiar a organização e revisão de ideias, especialmente na fase inicial de acesso a conteúdos. No entanto, é fundamental que o docente incentive o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, pois o uso inadequado da IA pode comprometer essas competências essenciais, levando o aluno a depender excessivamente de respostas prontas, A IA atrofia isso pensamento crítico. Pensamento crítico é comparar, desconfiar, trabalhar com tese e antítese. O aluno não pode perder isso, porque é o cerne do aprendizado.”
D4	“Ainda tive pouca experiência, mas já percebo que textos feitos por inteligência artificial são facilmente identificáveis pelo excesso de adjetivos e falta de profundidade. Isso prejudica o conteúdo, obrigando o aluno a refazer o trabalho. A IA pode ser útil em pontos específicos, como aprimorar ou conferir informações em um texto já estruturado, mas não deve ser usada para criar todo o trabalho, pois ela define tudo automaticamente, sem critério.”	“Tem que influenciar positivamente, né? De alguma forma. Eu acho positiva a existência da IA pro ensino e pra aprendizagem. Mas ainda não se encontrou o método certo de usar. Mas que deve ter impacto positivo, deve”.

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

A análise revela consenso sobre a existência de uma problemática: “os alunos frequentemente utilizam a IA buscando terceirizar o processo de produção intelectual, em vez de utilizá-la como apoio”, ratificando o que defendem Azambuja e Silva (2024) sobre o risco do uso da IA de modo acrítico. A expressão de D1 “*essa coisa de parar de pensar e deixar ela pensar por eles, isso é complicado*”, essa frase sintetiza uma preocupação compartilhada por todos os docentes, a IA, quando mal utilizada, pode substituir processos cognitivos fundamentais em vez de potencializá-los. Este risco é grave no contexto das disciplinas metodológicas, nas quais o objetivo formativo não é apenas de produzir texto bem elaborado,

mas de desenvolver competência de raciocínio lógico, pensamento crítico e capacidade analítica (Vieira; Rodrigues, 2024).

A estratégia pedagógica relatada por D2 de “*realizar exercícios demonstrando que a IA erra*” representa uma abordagem interessante para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre a tecnologia. Ao evidenciar as limitações e falhas da IA, o docente promove uma postura crítica de questionamento sistemático das fontes de informação. A preocupação de D3 com questões de autoria e plágio assume relevância considerando que 65,8% dos estudantes afirmam sentir segurança no uso ético da IA, contudo, 21,1% demonstraram insegurança sobre este aspecto. A percepção do docente de que “*é uma forma de plagiar, de você não ser o autor*” evidencia uma preocupação importante, quando a IA gera textos completos, a distinção entre apoio à escrita e apropriação de conteúdo torna-se instável, criando dilema ético que os discentes nem sempre estão preparados para enfrentar (Costa *et al.*, 2025; Limongi, 2024).

A identificação visual de textos gerados por IA, relatado por D4, revela que a produção artificial ainda apresenta marcadores estilísticos reconhecíveis “*excesso de adjetivos, superficialidade argumentativa*”. Contudo, este aspecto tende a se tornar mais desafiador à medida que as ferramentas de IA se sofisticam. Para tanto, Fernandes *et al.* (2024) alertam que a detecção de uso inadequado de IA não pode depender exclusivamente da percepção docente, sendo necessário o desenvolvimento de políticas institucionais claras.

Quanto à influência da IA no processo de ensino-aprendizagem, os docentes reconhecem os benefícios, principalmente na otimização de tarefas operacionais. A fala de D2 “*em métodos quantitativos e qualitativos, ajuda muito. Porque os alunos têm resistência com cálculo, estatística, e a IA adianta boa parte do processo. Isso libera tempo pra análise dos dados*”. Essa fala expõe uma percepção pragmática, a IA pode auxiliar na superação de barreiras técnicas, liberando recursos cognitivos para atividades analíticas mais complexas.

Esta perspectiva alinha-se com os achados de Khalifa e Albadawy (2024) sobre a IA como ferramenta de produtividade, mas também suscita questionamento como: ao “adiantar boa parte do processo” estatístico, não estaria a IA impedindo o desenvolvimento de competências quantitativas essenciais para o administrador? Como apontam Chen, Chen e Lin (2020), o desafio está em encontrar o equilíbrio entre a facilitação tecnológica e a manutenção de processos formativos.

A afirmação de D3: “*A IA atrofia isso (pensamento crítico). Pensamento crítico é comparar, desconfiar, trabalhar com tese e antítese. O aluno não pode perder isso, porque é o cerne do aprendizado*”. Observa-se que todos os entrevistados têm essa preocupação, ao risco de atrofia cognitiva decorrente do uso excessivo ou inadequado da IA (UNESCO, 2022).

Embora 92,1% dos estudantes reconheçam a IA como facilitadora da compreensão dos conteúdos, apenas 55,3% a percebem como promotora da reflexão crítica, o que revela uma discrepância entre o apoio instrumental e o desenvolvimento cognitivo aprofundado. Tal achado sugere que a tecnologia tem sido utilizada como ferramenta de otimização do acesso e organização da informação, sem necessariamente estimular o processo cognitivo de ordem superior, aqueles de natureza metacognitiva e argumentativa (UNESCO, 2023; Santaella, 2023).

A constatação de D4: “*ainda não se encontrou o método certo de usar*” revela que professores e instituições ainda estão em processo de elaboração de estratégias pedagógicas apropriadas para integrar a IA ao ensino. Reconhecer essa incerteza é fundamental, pois demonstra que eles entendem que a tecnologia, sozinha, não melhora o ensino (Boulay, 2023; Rodrigues; Rodrigues, 2023). Em seguida, no Quadro 7, apresentam-se as percepções dos docentes sobre os benefícios, desafios e competências necessárias para o uso adequado da IA, o qual revela dimensões complementares que enriquecem a compreensão do fenômeno investigado.

Quadro 7- Percepção sobre benefícios, desafios, uso responsável e competências exigidas

DOCENTES	Benefícios e desafios do uso da IA	Como orienta os alunos sobre o uso ético, crítico e responsável da IA	Quais competências estudantes precisam desenvolver para usar IA de forma eficaz e alinhada à disciplina
D1	“Benefício é otimização do tempo. Ela faz apanhado de dados, corrige português, deixa o texto claro. Mas desde que o aluno tenha escrito o texto. Se for pra ela escrever, vira desafio. O desafio é fazer o aluno querer pensar, mesmo sabendo que existe algo que pensa por ele”.	“Eu digo: vocês têm que saber a estrutura. Fora do digital, vocês vão ter que resolver problema de verdade. A IA é auxílio, não substituição. A ideia tem que vir de vocês. Eu sei onde colocar um parágrafo, porque preciso dele. A IA pode coletar dados, traduzir, mas eu sei o que fazer com aquilo. Tem coisa que máquina faz, mas tem coisa que é você que tem que entregar”.	“Tem que saber estrutura, normas técnicas, ética. Tem que saber colocar fonte, porque se não, vira plágio. A IA inventa fonte, ela cria. Então você tem que saber pesquisar de verdade. Tem que saber escrever, mexer em ferramentas digitais, saber pedir o que quer. Se não, o efeito final fica ruim”.
D2	“Benefícios: ajuda na formatação, na correção do português, na produção de dados, na busca por literatura dependendo da ferramenta. Desafios: quando o aluno terceiriza tudo. Aí vira problema ético e também de domínio, ele nem sabe o que está entregando. O problema não está na IA, está do teclado pra trás”.	“Depende da pesquisa e do aluno. Em qualitativa, nem sempre tem ferramenta disponível. Em quantitativa, já tem mais. Eu oriento usar IA pra análise de dados só quando o aluno tem domínio. Se não tiver, melhor não usar, porque gera conteúdo errado. Durante o semestre, eu prefiro que o aluno escreva, mesmo errado, pra eu acompanhar. No final, aí	“Primeiro, competência técnica. Não adianta usar IA de forma superficial. Depois, raciocínio, reflexão, pensamento crítico. Ele precisa saber o que pode ou não pode usar, o que é ético, o que faz sentido dentro da academia. Sem isso, o uso fica raso e sem compreensão”.

		sim eu recomendo usar IA pra deixar o texto bem escrito, formatado, organizado. O produto final tem que ser o melhor possível”.	
D3	“O benefício é essa fase inicial, a IA agiliza o levantamento inicial de informações, como autores e dados, mas deve ser vista apenas como apoio à produção intelectual, nunca como substituta do conhecimento autoral. Desafio é que o uso inadequado pode gerar superficialidade, dependência e comprometer o pensamento crítico e reflexivo, além de trazer riscos éticos relacionados ao plágio”.	“Primeira coisa é a importância da autoria. A autoria sua. a IA pode apoiar, mas o estudante deve ser o autor do próprio texto, mantendo honestidade intelectual e evitando plágio. O processo de aprendizagem exige reflexão, leitura e escrita acadêmica, competências que não podem ser substituídas pela IA.”	“Pensamento crítico, como eu já falei. Capacidade de análise, interpretação das fontes. Saber que a IA erra, né? A IA se equivoca. O aluno tem que desconfiar, comparar fontes, fazer fact checking. Tem um vídeo aí mostrando como a IA criou uma notícia falsa e validou ela mesma. Então o aluno tem que botar isso na cabeça: IA não é certeza de realidade”.
D4	“Benefício tem muito. Por exemplo: você tem um PDF que já escolheu porque leu o resumo, viu que serve pra sua pesquisa. A IA facilita a extração e síntese de resultados de artigos, agilizando a construção de evidências empíricas e a relação entre achados. No entanto, considero a análise de dados um desafio, pois exige o olhar crítico do pesquisador; confiar totalmente na IA para essa tarefa pode ser arriscado”.	“Eu digo sempre: A IA deve ser usada para aprimorar, não substituir o trabalho acadêmico, especialmente em pesquisa científica, onde o planejamento e a estrutura são responsabilidade do estudante. Ela pode trazer insights e facilitar tarefas específicas, mas é fundamental manter transparência com o orientador sobre como e onde foi utilizada.”	“Para usar a IA de forma eficaz, é necessário experiência, análise crítica e treinamento específico. Não basta utilizá-la de maneira empírica; é preciso saber como e quando perguntar, pois a IA deve ser vista como facilitadora e otimizadora de tarefas, não como um buscador automático. O verdadeiro ganho ocorre quando o usuário domina o processo e utiliza a IA para acelerar aquilo que já sabe fazer”.

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Constata-se que os benefícios identificados pelos docentes indicam consenso sobre as vantagens da adoção da IA em atividades específicas como otimização de tempo, correção linguística, formatação, sistematização de dados e busca da literatura. Estes benefícios alinham-se diretamente com as percepções dos discentes sobre a facilitação e melhoria da capacidade de pesquisa.

Com relação ao que foi exposto por D4 sobre a limitação da IA na análise de dados, “*ai é o olhar do pesquisador mesmo*”, é relevante apesar que 81,5% dos alunos afirmam que a IA aumenta a sua eficiência em atividades como análise. Esta divergência entre as percepções dos discentes e docentes sugere que os estudantes podem estar superestimando a capacidade analítica da IA ou, podem estar transferindo para a ferramenta competências que deveriam estar desenvolvendo individualmente (Pinheiro; Costa; Vitoriano, 2025).

Quanto aos desafios, emerge padrão consistente, concentrado em três dimensões interrelacionais: (1) terceirização de pensamento e dependência tecnológica; (2) superficialidade e perda de profundidade analítica; (3) questões éticas relacionadas à autoria e ao plágio. A afirmação de D2: “*o problema não está na IA, está no teclado por trás*” sintetiza a concepção de que a tecnologia em si não é o problema, o desafio reside nas práticas de uso e nas competências dos usuários. Sendo assim, torna-se salutar estabelecer diretrizes éticas claras e criar estratégias formativas que integrem a IA de maneira construtiva (UNESCO, 2025; Gomes; Souza, 2022).

As orientações éticas relatadas pelos docentes demonstram várias estratégias, mas convergentes em princípios fundamentais: centralidade da autoria, transparência no uso, desenvolvimento de autonomia intelectual e vigilância epistêmica. A fala de D3: “*A autoria sua, a IA pode lhe dar apoio, mas quem deve ser o autor é você*”, estabelece princípios éticos fundamentais que, contudo, encontram desafios práticos significativos em sua operacionalização. Como estabelecer limites entre “apoio” e “substituição” da autoria? Quando o uso da IA para reorganizar argumentos ou reformular frases deixa de ser apoio e passa a ser apropriação? Essas questões, ainda sem respostas consensuais no contexto acadêmico, refletem a novidade do fenômeno e a necessidade de construção coletiva de diretrizes éticas (Limongi, 2024; Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024).

Quanto às competências necessárias, os docentes identificam um amplo e complexo conjunto que supera o domínio técnico das ferramentas. A ênfase incide sobre: (1) competências técnicas disciplinares (estrutura de trabalhos científicos, norma, metodologia de pesquisa); (2) competências cognitivas (pensamento crítico, análise e reflexão); (3) competências éticas (compreensão dos limites de uso aceitável, transparência, honestidade intelectual); (4) competências de *prompting* (saber como perguntar, quando usar, que tipo de apoio solicitar).

A observação de D4: “*tem que ter um pouco mais de experiência antes de sair resolvendo tudo com IA*” sugere que a utilização efetiva da IA pressupõe base de conhecimento e habilidades prévias. Portanto, os achados mostram que, embora os estudantes reconheçam os benefícios da IA para facilitar e organizar as atividades acadêmicas, emergem incertezas sobre sua contribuição para o desenvolvimento de competências cognitivas. Isso evidencia a insegurança por uma parcela considerável de alunos quanto ao uso ético dessas ferramentas. Já as percepções dos docentes convergem ao identificar o desafio que reside nas práticas de uso e nas abordagens formativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a percepção de docentes e discentes de um curso de Administração sobre o uso de ferramentas de IA para o processo de ensino e aprendizagem no tocante às disciplinas da área de metodologia. Constatou-se que, à luz dos resultados obtidos, o objetivo foi alcançado, uma vez que foi possível identificar como essas ferramentas vêm sendo incorporadas às práticas acadêmicas, bem como as percepções associadas aos seus benefícios, limitações e implicações formativas.

Sendo assim, verificou-se que a inteligência artificial é empregada como recurso de apoio na organização textual, na estruturação dos trabalhos e na elucidação inicial dos conteúdos, sendo reconhecida pelos alunos como facilitadora da compreensão e da produtividade em suas atividades acadêmicas. Todavia, os dados evidenciam uma utilização predominantemente instrumental, com divergências quanto à sua contribuição para o desenvolvimento do pensamento crítico e das competências argumentativas. A percepção docente reforça a necessidade de cautela, destacando riscos de dependência tecnológica, superficialidade analítica e fragilização da autoria intelectual.

Os achados indicam que a IA se configura como uma ferramenta pedagógica relevante, porém, sua efetividade na formação dos discentes depende de mediação docente intencional e de diretrizes institucionais claras quanto ao uso ético e responsável. Nesse sentido, destaca-se a pertinência da Resolução nº 57/2025 da UFPB, que estabelece orientações para o uso responsável de tecnologias de Inteligência Artificial no âmbito acadêmico. Visto isso, recomenda-se a implementação de orientação normativa específica para as disciplinas metodológicas à luz da resolução CONSEPE, bem como a promoção de práticas pedagógicas que estimulem análise crítica, verificação de fontes e uso consciente da tecnologia.

Desta forma, para futuras pesquisas, propõe-se ampliar o campo investigativo, incluindo diferentes cursos, instituições e abordagens comparativas, a fim de aprofundar a compreensão sobre os impactos formativos da IA no ensino superior. Conclui-se que a IA já integra o cotidiano acadêmico investigado, exigindo equilíbrio entre a tecnologia e a preservação das competências cognitivas essenciais à formação do administrador, no que concerne ao pensamento crítico, à autonomia e à responsabilidade ética.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, C. C. de; SILVA, G. F. da. Novos desafios para a educação na era da inteligência artificial. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 1–16, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fsu.2024.251.07>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- BOULAY, B. D. Inteligência artificial na educação e ética. **RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 75–91, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.34627/redvol6iss1e202303>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- CALMBACH, A. C. V.; TOMAZ, A. da S. L.; SERZEDELLO, J. E. M. Educação, ensino e a inteligência artificial: uma revisão da literatura nas ciências humanas. **Revista Docência e Cibercultura - ReDoC**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jan./abr. 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/81531/54783>. Acesso em: 5 nov. 2025.
- CHEN, L.; CHEN, P.; LIN, Z. Artificial intelligence in education: a review. **IEEE Access**, v. 8, p. 75264–75278, 2020. DOI: 10.1109/ACCESS.2020.2988510.
- COHEN, K. **10 melhores ferramentas de IA para estudantes**. 2024. Disponível em: <https://fernandogiannini.com.br/as-10-melhores-ferramentas-de-ia-para-estudantes/>. Acesso em: 15 nov. 2025.
- COSTA, M. F. B.; TINOCO, G. O.; CORRÊA, N. S. F.; BOTELHO, P. C.; FONTAINHA, T.C. Desafios e oportunidades da inteligência artificial no ensino superior: percepções dos docentes no ambiente universitário. **Revista da Avaliação da Educação Superior (Avaliação)**, Campinas; Sorocaba, v. 30, 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-57652025v30id286435>.
- COSTA JÚNIOR, J. F.; D' OLIVEIRA, K. S.; BARROS, M. J. de; SOUSA, M. A. de M. A.; LEMOS, L. H. de G.; FREIRE, K. M. de A.; COSTA, J. B. da; REIS NETO, R. A. dos; NASCIMENTO, C. O. S. do. Educando com tecnologia: o futuro da inteligência artificial no ensino superior. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, Curitiba, v. 22, n. 8, p. 1–21, 2024. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/6298>. Acesso em: 5 nov. 2025.
- DURSO, S. de O. O uso da inteligência artificial na educação e o desenvolvimento de competências dos estudantes. **EDUR - Educação em Revista**, 2025. Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>. Acesso em: 3 set. 2025.
- FERNANDES, A. B.; NARCISO, R.; BRAGA, A. da S.; CARDOSO, A. de S.; LIMA, E. S. da C.; VILALVA, E. A. de M. M.; REZENDE, G. U. de M.; MELO JÚNIOR, H. G.; SILVA, L. V. da; LIMA, S. do S. A. A ética no uso de inteligência artificial na educação: implicações para professores e estudantes. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 10, n. 03 mar. 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13056>. Acesso em: 20 jul. 2025
- FERREIRA, M; COSTA, R. M; MEIRA, É. N. G; FILHO, O. L. da S. Inteligência artificial na educação superior: avanços e dilemas na produção acadêmica. **EmRede**, v. 11, 2024.

Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/1019/869>. Acesso em: 5 nov. 2025.

FIGUEIREDO, A. D. de. Compreender e desenvolver as competências digitais. **RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning**, Portugal, v. 2, n. 1, p. 1-8, mar. 2019. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/lead_read/article/view/22051. Acesso em: 10 nov. 2025.

FLEURY, M. T. L.; FLEURY, A. C. C. Alinhando estratégia e competências. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 44, n. 1, p. 44–57, jan./mar. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. Barueri: Atlas, 2022.

GOMES, G. F.; SOUZA, R. A. C. de. Transformação digital na educação para fomentar competências digitais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 11., 2022, Manaus. **Anais estendidos [...]** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022. p. 62–73. Disponível em: https://sol.sbc.org.br/index.php/cbie_estendido/article/view/22591. Acesso em: 15 nov. 2025.

HAIR JR, J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

JUSBRASIL. PL 2338/2023: **regulamentando a inteligência artificial no Brasil – impactos e implicações**. 24 nov. 2025. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2025.

KAUFMAN, D. **Desmistificando a inteligência artificial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

KHALIFA, M.; ALBADAWY, M. Using artificial intelligence in academic writing and research: an essential productivity tool. **Computer Methods and Programs in Biomedicine Update**, v. 5, p. 100145, 2024. DOI: 10.1016/j.cmpbup.2024.100145.

LIMONGI, R. The use of artificial intelligence in scientific research with integrity and ethics. **Future Studies Research Journal: Trends and Strategies**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 1–20, 2024. DOI: 10.24023/FutureJournal/2175-5825/2024.v16i1.845. Disponível em: <https://www.revistafuture.org/>. Acesso em: 5 out. 2025.

MAYCON, K. **Quais são as IAs mais usadas: guia completo das ferramentas**. 2025. Disponível em: <https://sl1nk.com/JZEg1>. Acesso em: 15 nov. 2025.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research: a guide to design and interpretation**. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa**. Paris:

UNESCO, 2023. ISBN: 978-92-3-700028-1. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390241/PDF/390241por.pdf.multi>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Marco referencial de competências em IA para professores**. Paris; Brasília: UNESCO, 2025. ISBN 978-65-86603-49-1. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000394280/PDF/394280por.pdf.multi>. Acesso em: 24 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Recomendação sobre a ética da inteligência artificial**. Paris: UNESCO, 2022. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137_por/PDF/381137por.pdf.multi. Acesso em: 15 nov. 2025.

PERRY, C. **10 melhores verificadores de plágio com IA: comparação lado a lado**. 2025. Disponível em: <https://undetachable.ai/blog/br/o-melhor-verificador-de-plagio-de-ia/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

PINHEIRO, M. H. B.; COSTA, M. R. M.; VITORIANO, M. A. V. A interface entre inteligência artificial e letramento informacional no ensino superior: contextos, avanços e desafios inter e multidisciplinares. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 30, p. 1–20, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/103105>. Acesso em: 5 nov. 2025.

POZZEBON, E.; FRIGO, L. B.; BITTENCOURT, G. Inteligência artificial na educação universitária: quais as contribuições? **Revista do CCEI**, Bagé, v. 8, n. 13, p. 34–41, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/23283062>. Acesso em: 5 nov. 2025.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, O. S.; RODRIGUES, K. S. A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 16, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tl>. Acesso em: 5 nov. 2025.

RUSSELL, S.; NORVIG, P. **Artificial intelligence**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SAMPAIO, R. C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. **Diretrizes para o uso ético e responsável da inteligência artificial generativa: um guia prático para pesquisadores**. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em: <https://portcom.intercom.org.br/ebooks/detalheEbook.php?id=57203>. Acesso em: 10 out. 2025.

SANTAELLA, L. **A inteligência artificial é inteligente?** 70ª ed., São Paulo: Almedina Brasil, 2023.

SANTANA, E. **As melhores IAs para pesquisa acadêmica e científica**. 2025. Disponível em: <https://napratica.org.br/noticias/as-melhores-ias-pesquisa-academica-e-cientifica>. Acesso em: 15 nov. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 57, de 2025**. Estabelece diretrizes para integridade acadêmica e uso de Inteligência Artificial na UFPB. João Pessoa, 30 set. 2025. Disponível em: <https://sipac.ufpb.br/documentos/>. Acesso em: 27 mar. 2026.

VIEIRA, L. M. S.; RODRIGUES, L. Inteligência artificial no ensino superior: entre oportunidades e desafios. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 263–278, ago./dez. 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riac/article/view/81848>. Acesso em: 13 out. 2025.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE - Instrumentos de pesquisa: Questionário e Roteiro de entrevista

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

➤ Perguntas sobre perfil

1. Gênero

- Feminino
- Masculino

2. Faixa etária

- Até 24 anos
- De 25 a 30 anos
- Acima de 30 anos

3. Período

- P2
- P4

4. Situação acadêmica

- Blocado

- Desbloqueado
5. Eu considero que as ferramentas de Inteligência Artificial facilitam a compreensão dos conteúdos das disciplinas de metodologia.
- Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Nem concordo nem discordo
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente
6. O uso de IA contribui para melhorar minha capacidade de realizar pesquisas acadêmicas.
- Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Nem concordo nem discordo
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente
7. As ferramentas de IA ajudam a organizar melhor minhas ideias na elaboração de trabalhos acadêmicos.
- Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Nem concordo nem discordo
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente
8. Sinto que o uso de IA aumenta minha eficiência ao realizar tarefas acadêmicas, como resumos e revisões de literatura.
- Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Nem concordo nem discordo
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente
9. O uso de IA nas atividades acadêmicas me incentiva a refletir criticamente sobre os conteúdos estudados.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Nem concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

10. Acredito que a IA pode apoiar o desenvolvimento das minhas habilidades analíticas e argumentativas.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Nem concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

11. Sinto segurança em utilizar ferramentas de IA de forma ética e responsável nas disciplinas de metodologia.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Nem concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

12. Quais ferramentas de Inteligência Artificial você utiliza com maior frequência em suas atividades acadêmicas? *(Você pode selecionar mais de uma opção.)*

- ChatGPT
- Gemini (Google)
- Microsoft Copilot
- Perplexity AI
- Canva (recursos de IA)
- Grammarly / Writefull
- QuillBot (paráfrase)
- DeepL (tradução e escrita)
- Notebook LM
- Outro: _____

➤ **Questões de perfil**

1. Quanto tempo de docência?
2. Quanto tempo de docência na instituição?
3. Quanto tempo ministrando a disciplina?
4. Qual o nível de formação?

➤ **Questões sobre o tema**

5. Como você percebe o uso de ferramentas de Inteligência Artificial pelos alunos nas disciplinas de metodologia?
6. De que maneira você acredita que as ferramentas de IA têm influenciado o processo de ensino e aprendizagem em sua disciplina?
7. Quais benefícios e desafios você identifica no uso da IA para atividades como elaboração de trabalhos, revisão de literatura e análise de dados?
8. Como você orienta ou orientaria os alunos sobre o uso ético, crítico e responsável dessas ferramentas durante a realização das atividades acadêmicas?
9. Na sua opinião, quais competências os estudantes precisam desenvolver para utilizar a IA de maneira eficaz e alinhada aos objetivos da disciplina?